

O Chifre Pequeno de Daniel 7

João Calvino

Eu concordaria que o espírito do anticristo se revelou em Antíoco Epifânio, Júlio César, Nero César, o papado no tempo da Reforma – e muitos outros. Há muitos espíritos de anticristo que têm saído pelo mundo fora.

Contudo, em nenhum lugar João Calvino escreve que o pequeno chifre de Daniel 7 é o Papa ou o papado, como alguns tem afirmado.

Em sua *Institutas da Religião Cristã*, ele escreve que o “Anticristo” mencionado por Paulo pode ser comparado à pessoa de Antíoco Epifânio, profetizado em Daniel 7:25. Calvino não está afirmando aqui que o chifre pequeno é a mesma figura histórica que o Homem da Iniquidade. Nas *Institutas* de Calvino, o chifre pequeno é Antíoco, mas em seu *Comentário sobre Daniel*, ele é Júlio César.

(Jay Rogers, em *In the Days of these Kings*)¹

A alguns parecemos demasiadamente maledicentes e insultuosos quando chamamos Anticristo ao pontífice romano. *Aqueles*, porém, que sentem isto não se dão conta de que estão a censurar a Paulo de descomedimento *de linguagem*, porque falamos de acordo com o que ele falou. E para que alguém não objete, dizendo que torcemos indevidamente as palavras de Paulo em relação ao pontífice romano, as quais dizem respeito a outrem, mostrarei em termos breves que não podem ser entendidas de outra forma senão a respeito do papado. Paulo escreve que o Anticristo haverá de assentar-se no templo de Deus [2Ts 2.4]. Em outro lugar, descrevendo-lhe também a imagem na pessoa de Antíoco, o Espírito mostra que seu reino haverá de estar situado em magniloquência e blasfêmias contra Deus [Dn 7.25; Ap 13.8]. Daqui concluímos ser uma tirania sobre as almas mais do que sobre os corpos, que se exalte contra o reino espiritual de Cristo. Em segundo lugar, tal *tiranía* não consiste em que se suprima o nome de

¹ <http://www.forerunner.com/daniel/daniel.html>

Cristo e da Igreja, antes, ao contrário, que abuse do pretexto de Cristo e sob o título de Igreja, como se escondesse sob uma máscara.

Mas, se bem que todas as heresias e facções que existiram desde o início pertençam ao reino do Anticristo, no entanto, como Paulo prediz haver de vir uma apostasia [2Ts 2.3], com esta descrição significa que aquele assento da abominação haverá então de erigir-se quando uma como que apostasia universal tiver ocupado a Igreja, ainda que muitos membros da Igreja, esparsamente, perseverem na verdadeira unidade da fé. Quando, porém, adiciona que em seu tempo *o Anticristo* já havia começado a edificar o mistério da iniquidade [2Ts 2.7], que depois haveria de fazer abertamente, disso entendemos que esta calamidade não haveria de ter sido introduzida por um só homem, nem num *único* homem se haveria de encerrar. Com efeito, quando *Paulo* assinala com esta marca o Anticristo: que arrebatará de Deus sua honra a fim de assumi-la para si [2Ts. 2.4], este é o principal indício que devemos seguir em busca do Anticristo, especialmente quando orgulho desta natureza procede até ao desmantelamento público da Igreja. Como, porém, esteja patente que o pontífice romano transferiu impudentemente para si o que era próprio exclusivamente de Deus e especialmente de Cristo, não há como duvidar-se de que *ele* seja chefe e vanguardeiro de um reino ímpio e abominável.

Fonte: *Institutas da Religião Cristã*, João Calvino, Editora Cultura Cristã.

Daí ser o nosso dever ler o que aqui está escrito, não com uma mente displicente, senão com o intuito de pesar seriamente e com a mais atenta diligência o que o Espírito pretende com esta visão.

Portanto, **eu estava atento, diz ele, para os chifres, e eis que subiu entre eles um chifre pequeno.** Aqui os intérpretes começam a diferir entre si. Alguns o torcem para significar o papa; e outros, a Turquia. Mais nenhuma dessas opiniões me parece

provável. Ambas são errôneas, uma vez que acreditam que todo o curso do reino de Cristo está aqui descrito, enquanto Deus queria simplesmente declarar a seu Profeta o que sucederia até o primeiro advento de Cristo. Eis, pois, o erro de todos aqueles que querem abarcar nesta visão o estado perpétuo da Igreja até o fim do mundo. A intenção do Espírito Santo, porém, era totalmente diferente. Explicamos no início por que esta visão foi dada ao Profeta – porque as mentes dos santos desmaiariam constantemente ante as terríveis convulsões que se aproximavam, ao verem o supremo domínio escapar aos persas. E então os macedônios se lançaram sobre eles e se revestiram de autoridade por todo o Oriente, e em seguida os assaltantes que fizeram guerra sob o comando de Alexandre de repente se converteram em reis, em parte por crueldade e em parte por fraude e perfídia, o que criou mais discórdia do que hostilidade aparente. E quando os fiéis viram todas essas monarquias parecerem, e o império romano surgir como um novo prodígio, sua coragem se desvaneceu em meio a tais mudanças confusas e turbulentas. E assim esta visão foi apresentada ao Profeta para que todos os filhos de Deus viessem a entender que graves tribulações os aguardavam antes do advento de Cristo. Daniel, pois, não foi além da redenção prometida e não abrangeu, como eu já disse, todo o reino de Cristo, mas se contenta em apresentar aos fiéis aquela exibição da graça que aguardavam e pela qual suspiravam.

Fonte: *Daniel* volume 2, João Calvino, Editora Paracletos, pág. 31-2.

Daniel 2 e 7 tratam com os mesmos eventos históricos. Daniel 2 engloba a interpretação do sonho de Nabucodonosor, enquanto Daniel 7 a visão durante o reino de Belsazar. Tanto Daniel 2 como 7 têm como objetivo apontar para os judeus a vinda do Messias – o Rei dos reis.

Daniel 2:44: “Mas, nos dias destes reis, o Deus do céu suscitará um reino que não será jamais destruído; este reino não passará a outro povo; esmiuçarà e consumirá todos estes reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre”.

Nos dias destes reis, isto é, nos dias do Império Romano. Nesse tempo, o reino de Deus trazido à Terra por Jesus Cristo nunca será destruído, mas guerreará contra os reinos deste mundo e estes se tornarão parte do reino de Deus e do seu Cristo (Ap. 11:15).

O propósito de Daniel 2 e 7, bem como da profecia inteira de Daniel, é apontar para o tempo do Messias. O propósito de Daniel é identificar Jesus Cristo. Se o quarto reino é o Império Romano, então o Messias apareceu durante esse tempo e sobrepujou os reinos deste mundo.

E, se o Messias apareceu nos dias do quarto reino, então não se segue que o quarto reino tenha continuado além do tempo da vinda do reino do Messias até os dias de hoje – quer por meio do papado ou qualquer outro sistema de governo.

(Jay Rogers, em *In the Days of these Kings*)